

# APRESENTAÇÃO

## Educação de Jovens e Adultos, Currículo e Formação

O presente dossiê aborda a temática Educação de Jovens e Adultos, Currículo e Formação e tem por finalidade difundir sistematizações de estudos sobre os desafios curriculares para a EJA em diferentes contextos e territórios formativos, ressaltando os limites, desafios e possibilidades para o cenário atual.

A educação de jovens e adultos nunca foi tão importante, particularmente em tempos de ascensão do populismo. A EJA pode ajudar no fomento da cidadania, por meio de sujeitos mais informados, críticos e engajados com os problemas, tanto locais quanto globais, que afetam suas vidas. Ela gera capital social e apoia a inclusão social; aumenta a participação comunitária e cívica e deve ser um elemento central nas respostas de políticas nas diversas secretarias governamentais, não apenas na educação. (MALLOWS e DOS SANTOS COSTA, 2019).

Uma revisão recente das evidências sobre os benefícios da aprendizagem de adultos (SCHULLER, 2017) sugere que o envolvimento na EJA tem impactos diretos e indiretos. O primeiro é fácil de medir, particularmente os resultados concretos da aprendizagem formal, como qualificações e novas habilidades. No entanto, a EJA também tem impactos indiretos, como maior confiança e melhorias nas redes sociais. Porém, esses impactos são mais difíceis de medir, mas talvez não menos significativos.

Schuller também sugere que a educação de adultos tem um impacto em níveis diferentes: indivíduo, família, comunidade, sociedade. E que esses níveis se sobrepõem

– quais benefícios o indivíduo também beneficiará potencialmente a comunidade. Ele apresenta evidências do impacto positivo que a aprendizagem de adultos pode ter na vida profissional do indivíduo (procura de emprego, retenção de empregos, ganhos, aspirações, satisfação no trabalho) e também para a organização (produtividade, comprometimento dos funcionários, rotatividade, produção, níveis de emprego, receita tributária, aceitação da inovação).

Em termos de comunidade, Schuller (2017) demonstra que a participação na aprendizagem de adultos social: (tolerância à diversidade, maior grau de confiança em pessoas de diferentes religiões e nacionalidades); envolvimento da comunidade (participação cívica, voluntariado); crime (redução nas taxas de reincidência); participação democrática (compreensão política, sentimentos de empoderamento e níveis de participação política).

Dentro deste enfoque, que papel cumpre o currículo? Que formação docente demanda um currículo inspirado na inclusão social? Na construção espacial do sistema educativo formal ou não formal, o currículo é o núcleo estruturante e normalizador que define a função do projeto educativo (GIMENO, 2010). Entretanto, o currículo técnico/documental não se corporifica de forma tranquila, mas envolve muitas dimensões que se cruzam/entrecruzam e coloca muitos dilemas, disputas e situações: Que tipo de conhecimento? O que o currículo faz com estudantes e os que os estudantes fazem com o currículo? Que papel cumpre os pro-

fessores? Que giro epistemológico curricular se poderá fazer no currículo da educação de jovens e adultos no cenário atual?

O currículo tem um papel fundamental como elemento estruturador e estruturante do processo de transmissão, construção, desconstrução e reconstrução de conhecimentos, saberes e práticas. O currículo é um território tensionado em que todos os sujeitos requerem/exigem respeito, valorização e reconhecimento. É um espaço de (com) vivências em que todas as vozes, desejos, representações devem ser acolhidos.

Nesta arena de lutas e resistências, os professores são sujeitos centrais nas disputas curriculares. Suas implicações com o projeto educativo, suas interpretações sobre os conhecimentos, suas formas de planejar as atividades, suas tomadas de decisões e suas interlocuções com os estudantes/comunidade, influenciam diretamente no projeto educativo. *As disputas no território dos currículos e da docência estão postas com nova radicalidade. Passam pelas disputas das últimas décadas do direito à autoria, à criatividade, à própria capacidade de criticar o que contradiz opções políticas, éticas* (ARROYO, 2011, p.52)

Em sintonia com essa perspectiva, o presente dossiê aglutina um conjunto de oito textos em torno da Educação e formação do currículo na Educação de jovens e adultos. Os textos abordam a EJA desde ponto de vista da educação formal (escolarização) e educação não formal (educação popular). Discute abordagens, dilemas e desafios para a construção, implantação e avaliação do currículo, evidenciando a necessidade de refletirmos sobre o citado campo de estudo.

O dossiê colige no anúncio de enfoques e práticas curriculares emancipatórios que atendam às diversidades de saberes e experiências do mundo dos jovens e adultos.

Um currículo que não se resume à dimensão técnica e instrumental, mas que acolha os interesses, as expectativas e os desejos dos sujeitos da citada modalidade. Um currículo que trabalhe as habilidades básicas para favorecer o bem-estar individual, econômico e social, pilares essenciais para sustentar a democracia. Como veremos a seguir, os textos apontam velhos dilemas curriculares e novos desafios formativos.

Centrado na realidade inglesa, Qasir Shah da University College London, Institute of Education) no artigo “Aprendizagem ao longo da vida no Reino Unido: necessidade de educação para cidadania adulta” (Life-long learning in the uk: the need for adult citizenship education de Qasir Shah da University College London, Institute of Education), destaca o propósito social da educação de adultos e sugere que somente sendo alfabetizados politicamente é possível conhecer os direitos e exigí-los, além de participar ativamente da vida cívica. Defende o ensino da Educação para a Cidadania (CE) e ressalta que infelizmente, no Reino Unido, o CE está disponível apenas para crianças na educação obrigatória e para imigrantes, o que deixa muitos adultos nativos sem nenhum. As consequências para a alfabetização política, a mobilidade social e o bem-estar econômico e social são consideráveis. A CE argumenta que é vital para sustentar a democracia.

O texto seguinte, de autoria de Brid Conolly, “A educação pode mudar a sociedade? Currículo, pedagogia feminista e educação de adultos” (Can education change society? curriculum, feminist pedagogy and adult education), centra-se na realidade irlandesa. A autora destaca que a pedagogia e os currículos tradicionais deixam um vazio cheio de agendas sociais convencionais e / ou neoliberais. Argumenta para o desen-

volvimento crítico e feminista do currículo que confronte essas agendas, destacando o papel que o currículo oculto desempenha na educação como instituição social e propondo lentes alternativas para a reflexividade crítica. Baseando-se em Freire (1972), reflete sobre sua experiência em trabalhar na educação libertadora de adultos, sugerindo que a educação pode mudar a sociedade, mas depende dos movimentos sociais, educadores críticos e acima de tudo, do compromisso com a igualdade.

O terceiro artigo, “Educación, cultura popular e território” (“Education, popular culture and territory”) de Isabel Redaño Andrés, Angel Marzo Guarinos e Núria Lorenzo Ramírez da Universidad de Barcelona, enfatiza a atualidade da educação popular como mecanismo de emancipação e desenvolvimento de grupos em risco de exclusão social, refletindo sobre a experiência de educação comunitária no bairro de Barcelona, Espanha. Abordam uma proposta metodológica, os resultados obtidos e os desafios colocados por uma escola popular de educação continuada na atualidade.

O estudo “Reflexões sobre a educação popular: um estudo de caso sobre a Educação de Jovens e Adultos (EJA) e a educação no campo”, de Rodrigo Guedes de Araújo, Carla Liane Nascimento dos Santos (UNEB) e Samuel Hilcias Carvajal Ruiz, buscou compreender o PRONERA, enquanto política pública. Tomando como pressuposto a educação popular como uma prática emancipatória dos sujeitos, enfocou a proposta pedagógica inovadora do projeto Pé na Estrada, na Bahia. A pesquisa, de abordagem qualitativa, priorizou a fala e interação dos sujeitos da EJA em sua compreensão da formação recebida, bem como observações *in loco*. Concluem os autores que o Projeto, inserido no contexto agrário e com foco na utilização

de temas em conexão com a vida campesina, contribuiu para a formação e escolarização de centenas de jovens e adultos do campo e reforço da sua cidadania.

De Jaqueline Pereira Ventura (UFF) e Francisco Gilson Oliveira (UERJ) da Universidade Federal Fluminense e da Estadual do Rio de Janeiro, respectivamente, o texto “A travessia “do EJA” ao ENCCEJA: será o mercado da educação não formal o “deslugar” da EJA” reflete sobre a redução da oferta escolar de Educação de Jovens e Adultos (EJA) *pari passu* à ampliação da oferta de certificação no contexto de contrarreforma da Educação. Constatam que, na atualidade, há uma tendência de deslocamento dos esforços e do investimento em escolarização na EJA para a aligeirada e econômica certificação, através do Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (ENCCEJA), na qual o fechamento das escolas destinadas a essa modalidade é o mais visível do fenômeno.

No estudo “Currículo e formação na educação de jovens e adultos: tensões e desafios” Ana Célia Dantas Tanure da Universidade do Estado da Bahia e Graça dos Santos Costa da Universidade de Barcelona apresentam uma pesquisa sobre Política de Educação de Jovens e Adultos – BA – Aprendizagem ao Longo da Vida, enquanto política curricular, seu processo de implantação, as tensões e os desafios formativos enfrentados pelos professores no novo currículo. Aparentam que, apesar dessa política curricular ter sido construída coletivamente, com o apoio dos movimentos populares ligados à EJA, e apresentar princípios e diretrizes voltados a atender às especificidades dos jovens e adultos, os professores, como profissionais construtores de currículo, entendem a mesma como distante do currículo realizado e desejado, difícil de ser implementada, em-

bora eles concordem com seus princípios.

Em “Por uma educação do campo emancipatória: a distorção idade-série em pauta” Arlete Ramos dos Santos e Valéria Prazeres dos Santos da Universidade Estadual Sudoeste da Bahia (UESB) discutem o Plano de Ações Articuladas e a Distorção Idade-Série na Educação do Campo. Situam a Distorção Idade-Série nas contradições da educação capitalista na qual boa parte da população fica excluída do processo educacional e apontam que a superação da Distorção Idade-Série está relacionada a uma mudança na forma de organização da educação, numa perspectiva emancipatória, não excludente.

Por último apresentamos o texto “O referencial curricular tempos de aprendizagem sob o olhar dos docentes de arte da rede municipal de ensino de Salvador-Bahia, GRE de Itapoã de Daniela Menezes Teixeira e Patrícia Lessa Santos Costa da Universidade do Estado da Bahia. A partir de uma pesquisa qualitativa, tomando como estratégia de pesquisa o estudo de caso, com análise documental e entrevistas, as autoras buscam compreender o entendimento dos docentes de Arte da Gerência Regional (GRE) de Itapuã, acerca do referencial curricular, Tempos de Aprendizagem, implementado em 2014, pela Secretaria Municipal de Educação de Salvador, para a Modalidade da Educação de Jovens e Adultos- EJA II (Anos finais). Constatam, ao findar o estudo, que as práticas curriculares devem estar fortalecidas por meio da participação contínua dos docentes da EJA. Sinalizam que, ademais, a

escuta desse educador através do ato formativo, propicia a construção de sentidos e significados por meio da interação enquanto espaço de partilha de experiências curriculares e saberes docentes.

Com este dossiê, esperamos contribuir para a análise do currículo proposto e praticado na educação de jovens e adultos, no contexto Europeu e Brasileiro. Entendemos que os estudos ora apresentados servirão de subsídio para refletir e aprofundar questões acerca dos dilemas para o currículo e a formação docente na EJA. Ao agregar esses textos de vários contextos geográficos e curriculares nossa intenção é de trazer à tona os desafios e as possibilidades para construção de um giro curricular.

David Mallows

Graça dos Santos Costa

Patrícia Lessa Santos Costa

## BIBLIOGRAFIA

ARROYO, Miguel G. Currículo, território em disputa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MALLOWS, D; DOS SANTOS COSTA, G. Persistencia en la educación de jóvenes y adultos: reflexiones sobre currículo e inclusión. In Educación e inclusión: desafíos formativos y curriculares. Barcelona, España: Ediciones Zaragoza. 2019. 39-53.

GIMENO, J. Saberes e incertidumbres sobre el currículo. Madrid: Morata. 2010.

SCHULLER, T. What are the wider benefits of learning across the life course? Government Office for Science: London. 2017